

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

**CAOS
POLÍTICO**

**NO
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



ABRACE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3**Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4**Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

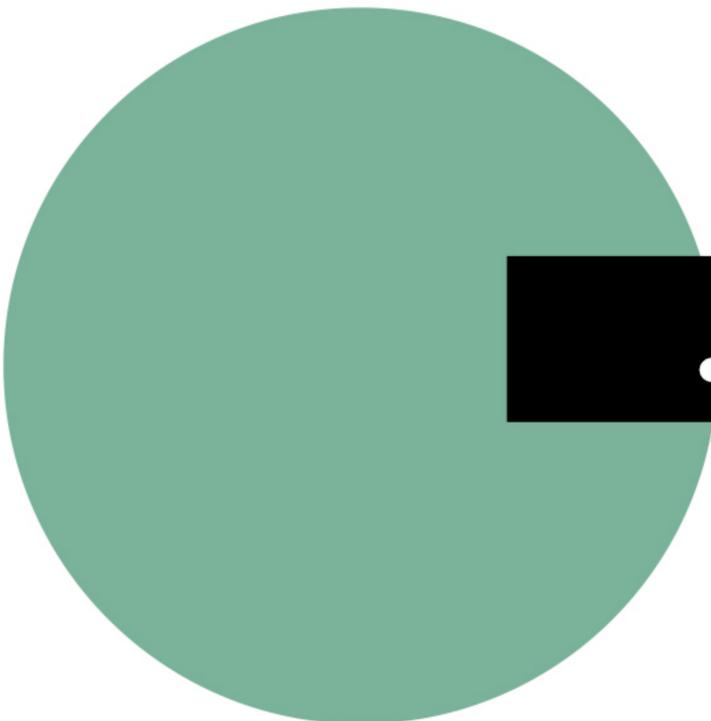
Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



CAPÍTULO
4
PRÁCTICAS
DE CUIDADOS
E ESPIRITUALIDADE



• • • • •

COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO

Juliana Manhães (UNIRIO)¹

Leticia Carvalho (UNIRIO)²

Marcus Fritsch (UNIRIO)³

Nara Keiserman (UNIRIO)⁴

Tania Alice (UNIRIO)⁵

„Eles passarão, e nós, passarinhos“

Mário Quintana

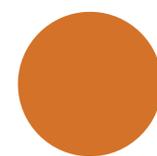
¹ Juliana Manhães: Professora Adjunta da Escola de Teatro, atuando na graduação e na pós-graduação da UNIRIO. Faz parte do Laboratório Artes do Movimento e atualmente coordena o Laboratório Núcleo de Estudos de Performances Afro-Ameríndias (NEPAA). Coordena o projeto de cultura e extensão Coletivo Matuba com Manifestações Tradicionais Brasileiras e o projeto de pesquisa Pedagogias Brincantes.

² Leticia Carvalho é cantora, preparadora vocal, professora e pesquisadora de voz e canto do Departamento de Interpretação da Escola de Teatro da UNIRIO e doutoranda do Programa de Pós-graduação da mesma instituição. Mestre em Artes Cênicas também pela UNIRIO, interessa-se no fluxo de atuação das/nas canções. Coordena o projeto de extensão *Polifonia* e é membro dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq: *Vocalidade e Cena* (UnB, UNIRIO, UFGD) e LEV (UNIRIO, UFMG).

³ Marcus Fritsch é ator, professor e pesquisador de atuação cênica no Departamento de Interpretação Teatral da Escola de Teatro da UNIRIO. Pesquisa o teatro Lúdico de Anatóli Vassíliev no Grupo de Pesquisa Fisções e membro do laboratório de pesquisa LEV (Unirio, UFMG). Editor da Ação: arte do ator em revista.

⁴ Professora Associada 4 da Escola de Teatro da Unirio, atuando na Graduação e na Pós-Graduação, nas áreas de Corpo, Pedagogia do Ator, Teatro Narrativo e Teatro e Espiritualidade. Possui publicações em periódicos e capítulos em livros. Participa dos Congressos da Abrace desde 1999, inicialmente no GT de “Pedagogia do Teatro”, depois no de Processos e Criações Cênicas e, atualmente no de “Artes Performativas, Modos de Percepção e Práticas de Si”, o que indica áreas de afinidade e percurso investigativo.

⁵ Tania Alice é performer, diretora artística do Coletivo *Performers sem Fronteiras* (UNIRIO), líder do Grupo de Pesquisa “Práticas Performativas Contemporâneas” (UNIRIO/UFRJ/CNPq) e professora de Performance da Graduação e da Pós-Graduação da UNIRIO. Ela desenvolve uma pesquisa artística em performance há mais de 15 anos sobre modalidades da arte relacional como revolução dos afetos, bem como projetos artísticos participativos em tempos zonas de trauma.



__RESUMO

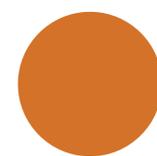
O artigo propõe uma escrita cartográfica coletiva realizada por um conjunto de professora/es do Departamento de Interpretação da UNIRIO durante a pandemia do COVID-19, partindo de um experimento intitulado “Escuta Poética: Como você está se sentindo hoje?”. Oferecido como ação da Clínica Performativa da UNIRIO, o experimento propunha realizar uma escuta poética de aluna/os que precisassem desabafar os sentimentos contraditórios que surgiram para toda/os no período de isolamento social.

__PALAVRAS CHAVE

Escuta poética, pandemia, clínica performativa.

__RESUMÉ

Cet article propose une écriture collective de la part d’une équipe d’enseignants-chercheurs du Département de formation de comédiens de l’Université Fédérale de l’Etat de Rio de Janeiro – UNIRIO, réalisée durant la pandémie du COVID-19, à partir de l’expérience intitulée “Écoute poétique: comment te sens-tu aujourd’hui?”. Proposée en tant qu’action de la Clinique Performativa de la UNIRIO,



l'expérience consistait à proposer une écoute poétique à tous les élèves qui auraient besoin d'écoute pour partager les émotions contradictoires de cette période d'isolement social.

__MOTS-CLÉS

Écoute poétique, pandémie, clinique performative.

Nascimento da Clínica Performativa: cuidados poéticos na academia

Em 2018, antes e, principalmente, após as eleições presidenciais e as ameaças nelas contidas, ocorreram na UNIRIO e, mais especificamente, no Centro de Letras e Artes, um aumento de tentativas de suicídio, crises de ansiedade, depressão e ataques de pânico dentro e fora de sala de aula. No intuito de realizar ações de prevenção, a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis - PRAE convocou uma reunião com o Diretor da Escola de Teatro Prof. Dr. Luiz Henrique Sá e uma equipe de professores para que fossem pensadas estratégias de prevenção. Foi deste encontro que surgiu a iniciativa, por parte do Coletivo *Performers sem Fronteiras*, de montar uma Clínica Performativa.



A ideia já vinha sendo pensada e discutida dentro do grupo de pesquisa “Práticas Performativas Contemporâneas”, que abriga o Coletivo *Performers sem Fronteiras*. O termo foi cunhado por Diogo Rezende, que concebeu seu Doutorado imaginando esse espaço de intervenção clínica e artística, denominando-o de Clínica Somático-Performativa⁶. Após diversas reuniões de preparação e ajustes entre as diversas instâncias da Universidade, o texto seguinte foi publicado no site da UNIRIO⁷:

A Clínica Somático-Performativa é um espaço de acolhimento para alunas/os de todos os cursos de Graduação e Pós-graduação da UNIRIO. Trata-se de um espaço de respiro que oferece práticas artísticas e somáticas que promovem e fortalecem a saúde física e emocional dos/das participantes nos tempos difíceis que estamos enfrentando. Cada sessão da clínica é organizada em função das demandas e necessidades da/os aluna/os presentes e se apresenta como um antídoto à depressão, à ansiedade e à insegurança. Entre as possibilidades de prática, sempre abertas, contamos com práticas de escuta empática, caminhadas, diversos tipos de meditação, práticas de movimento livre, processos criativos, yoga do riso, rodas de conversa, massagens, yoga, desenho, reiki, entre outros. A Clínica Somático-Performativa é uma iniciativa da plataforma “Performers sem Fronteiras”, dentro do grupo de pesquisa “Práticas performativas contemporâneas”, coordenado pela Profa. Dra. Tania Alice, performer-pesquisadora e terapeuta de *Somatic Experiencing* (cura do trauma) da Escola de Teatro da UNIRIO⁸.

6 REZENDE, Diogo. *Clínica Somático-Performativa: Criação e Movimento*. Tese de Doutorado realizada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sob orientação da Profa. Dra. Tania Alice, defendida em março de 2019.

7 Inicialmente denominada Clínica Somático Performativa, a Clínica passou a ser chamada de “Clínica Performativa” em 2020.

8 Cf. <http://www.unirio.br/prae/copoe-1/projeto-praticas-artisticas-e-somaticas>.

Em sua primeira fase, a Clínica iniciou seu funcionamento no dia 25 de março e seguiu até o dia 24 de junho de 2019, com um total de 15 encontros, conduzidos por diversos membros dos *Performers sem Fronteiras*, às vezes de maneira independente, às vezes de maneira conjunta⁹.

Após um primeiro semestre de encontros semanais, iniciou-se, no segundo semestre, uma disciplina optativa para os graduandos de Artes Cênicas, que se propuseram a multiplicar a clínica em seus respectivos locais de trabalho e convívio: escolas, comunidades, bairros ou instituições onde atuavam, como presídios ou hospitais, entre outros.

Estruturada dentro de um Curso de Graduação em Artes Cênicas, longe de se configurar como o que, num vocabulário militar, costuma se chamar no ensino de “grade” ou de “disciplina”, a Clínica se configurava como um espaço de encontros abertos a todas/os: alunas/os, professoras/professores, funcionárias/funcionários.

Imaginada como um projeto de Arte Socialmente Engajada dentro do qual poderiam florescer múltiplas possibilidades, o projeto tinha por meta contribuir para produzir um “reencantamento” do mundo (MAFFESOLI, 2007), dentro de um universo formativo muitas vezes permeado

⁹ A equipe da Clínica Performativa era composta pelos seguintes integrantes: Profa. Dra. Tania Alice, artista-pesquisadora e terapeuta do trauma; Bruno Cuiabano, esquizoanalista, artista e pesquisador independente; Fernanda Paixão, artista, mestranda, terapeuta e formada em Yoga do Riso; Marcelo Asth, doutor, professor e artista em projetos socialmente engajados; Prof. Dr. Gilson Motta, artista e professor da UFRJ; Bruno Palmieri, graduando e massoterapeuta; Diomar Nascimento, graduando e professor de dança; Alarisse Mattar, palhaça e performer formada em Artes Cênicas e Circo e o cão Ninja, Golden Retriever emprestado pelo Prof. Dr. Charles Feitosa.

pelo racismo e pelo machismo estruturais.

A Clínica, bem como outras aulas propostas na Universidade, tinha por meta associar a ideia de trabalho/estudo com o cuidado. A condução do trabalho foi realizada no primeiro ano pelo conjunto da equipe, e, no segundo ano, em uma parceria de Tania Alice com o esquizoanalista Bruno Cuiabano, já contemplando a formação de multiplicadores. Essa formação aconteceu no segundo semestre de 2019 e diversos experimentos e núcleos puderam ser implantados pelos participantes: na rua, em seus bairros, em escolas públicas, no presídio, entre outros.



FIG. 1 Sessão da Clínica Somático Performativa.

Trazer presença, desautomatizar o corpo, buscar restaurar um equilíbrio em corpos muitas vezes traumatizados por situações complexas do dia a dia, transformar as marcas do corpo em assinaturas de potências pela prática da

amorosidade eram algumas das metas da prática artística e clínica. Conforme Suely Rolnik:

Neste tipo de prática „pedagógica“ a relação entre professor e aluno é da ordem de uma cumplicidade, feita de uma crença amorosa na possibilidade que o aluno tem de desenvolver desta forma seu trabalho no pensamento, crença não menos amorosa na eficácia e no valor deste trabalho enquanto potencializador da capacidade de afirmação da vida (ROLNIK: 1993, p. 13)

A Clínica foi concebida como um convite ao voo, como uma afirmação da vida. Porém, quando estava prestes a reabrir suas portas para gerar novos encontros, novas performances e novas intervenções e formar novos multiplicadores, logo no início do primeiro semestre de 2020, surgiu a pandemia do novo coronavírus COVID-19, e com ela, a necessidade de reinventar a Clínica, de lhe dar outra forma.

Nascimento da escuta poética em tempos de pandemia: “Como você está se sentindo hoje?”

Sexta feira 13, no mês de março de 2020 - a data em que todos os professores foram convocados a saírem do espaço do Centro de Letras e Arte e impossibilitados de retornarem à **UNIRIO**, por conta da pandemia do



COVID-19, que havia chegado e que trazia a necessidade da quarentena e do isolamento social. Iniciava-se o tempo do não-encontro presencial, em que o universo *on-line* se instaurava em nossas vidas. O que parecia inicialmente ser o afastamento de um mês foi se transformando em dois meses, três meses e nesse momento da escrita, **já se foram seis meses.** A necessidade de cuidar do corpo físico e emocional tornou-se prioridade e as artes mostraram-se potentes ferramentas como espaço de cuidado, escuta e cura.

Em meados de maio, a professora Tania Alice contatou alguns professores da Escola de Teatro para um diálogo sobre o desejo em dar continuidade aos cuidados coletivos nestes tempos traumáticos de pandemia mundial. Ailton Krenak fala de tempo em suspensão, é um momento desconhecido em que todos se **vêm podendo correr** riscos, mas, como escreve Guimarães Rosa, “viver é muito perigoso” e todos nós precisamos encontrar travessias e caminhos para traçar novos sentidos de existência. E foi assim que Juliana Manhães, Letícia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman – do Departamento de Interpretação, professores corpo, voz e atuação - e Ricardo Kosovski, do Departamento de Direção, juntaram-se a Tania Alice em um encontro pela plataforma *Zoom*, para simplesmente se escutarem e assim entenderem, na prática, o que viriam



a propor para os estudantes.

Esse espaço de fala e escuta nos proporcionou aberturas e aproximações afetivas. Dialogamos sobre a potência que seria oferecer um ambiente acolhedor de escuta, com um tempo de fala para aqueles que quisessem e estivessem precisando falar e nós, professora/es, ocupando um lugar de escuta neutra, no sentido de não ter como objetivos a resolução de problemas. Um papel silencioso, isento de análise, **críticas** ou julgamentos. Apenas escutar e tendo a pergunta “Como você está se sentindo hoje”? como impulso inicial de fala.

Pensamos em um formato com uma ação on-line pela plataforma *Zoom*, em que dois professores por semana estariam à escuta de estudantes da UNIRIO, uma escuta poética, em que desde a chegada valoriza-se a respiração, a simples presença. Após as falas, poderíamos cantar, ouvir poesias, consultar oráculos e oferecer ainda outras interfaces artísticas e lúdicas, que pudessem alimentar e nutrir o encontro, a hora compartilhada, para cada um florescer à sua maneira, sem medo de fragilidades ou de potências.



CLÍNICA PERFORMÁTICA OFERECE PARA ALUNOS DA
ESCOLA DE TEATRO DA UNIRIO

**ESCU
TA
POÉTICA**

COMO VC ESTÁ SE SENTINDO HOJE?

sextas-feiras das
11h às 12h30

**ESCU
TAD
O
R
E
S**

10/07: Tania Alice e Marcus Fritsch

17/07: Juliana Manhães e Ricardo Kosovski

24/07: Nara Keiserman e Leticia Carvalho



FIG. 2 Flyer de divulgação e chamamento realizado pela aluna-monitora Gabriela Matos

Embora “o seu silêncio reverbera em partilha” como escreve Daniel Munduruku (2019. p. 17) em seus ensaios poéticos sobre o bem- viver, as práticas foram revelando que não é fácil escutar sem comentar, sem interferir. Quando uma pessoa fala, parece que há uma voz coletiva ecoando, acolhendo as angústias e medos que esse tempo pandêmico traz, como uma “montanha russa” diária de sentimentos. Vivemos escutas muito emocionantes que nos aproximaram ainda mais e percebemos que após os encontros um tempo se instaurava, com uma respiração

mais focada no presente, com uma esperança e crença que “dias melhores virão” ou simplesmente reinventando o cotidiano de maneira mais leve, nesse desconhecido momento. A cada semana, sabíamos que precisávamos nos apoiar nas tecnologias, aceitando o que era possível realizar ou então iríamos ficar insistindo no que faltava ou o que não estava sendo possível realizar de maneira presencial.

Foi assim que, criativamente, reservamos semanalmente um tempo que nos fazia parar e focar no exercício da escuta, abraçando os encantos poéticos que vinham, como a poesia de Manoel de Barros que brinca com as palavras criando novos sentidos e ressignificando a vida e a relação com a natureza e o tempo, repercutindo nos ouvidos e no corpo nossas naturezas mais internas.

Cada estudante tinha um tempo de base para a sua fala e para assinalar a sua passagem, adotamos a brincadeira de passear pela tela um passarinho ou uma *babuska*, sinalizando que o tempo estava acabando. Não havia o intuito de cortar a fala, mas de trazer a presença do tempo real para a fala de cada um. Foi bem interessante essa dinâmica, pois trouxe sorrisos, inspiração, amor e muito humor. Lugar de escuta é também um lugar de fala que envolve processos de subjetividade e significação para o tempo presente.



Numa sociedade radicalizada, fraturada, pouco cordial e mergulhada em uma realidade política discrepante, em que há um silenciamento e opressão do lugar de fala, esse encontro foi como desnudar-se, um alívio das tensões cotidianas, de aceitação das diversidades, revelando intimidades que dizem respeito a todes, apoiados na necessidade de uma sociedade mais afetiva e justa.

Cada condução traçou seus caminhos próprios, de acordo com a dupla de professores e aos estudantes participantes. Assim, cada encontro foi único. Desapegado de qualquer resquício de uma guerra de vaidades tão presentes neste mundo capitalista, estabelecemos um lugar de escuta

poética que des-
hierarquiza a
relação entre
professores e
estudantes. O
sentido do en-
contro está no
cuidado, pelo
ato de “dar ou-
vidos” ao outro.



FIG. 3 Criação coletiva de foto performance

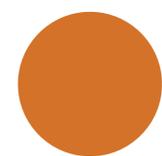
O grau zero da Escuta Poética

Escuta — mais nada — só o grande silêncio — escuta.

Czesław Miłosz.

Uma das primeiras questões, e não a única, que se colocou para os professores envolvidos no projeto da Escuta Poética foi a percepção do risco de que os encontros estivessem de antemão determinados pela estrutura relacional professor/a-aluna/o, onde se visualiza que algum tipo de conhecimento transite do primeiro para o segundo. Por mais que essa ideia venha sendo desconstruída nos últimos anos, o arquétipo dessa relação permanece como uma força ativa no imaginário da prática pedagógica contemporânea. A inversão dessa polaridade acontece na Escuta Poética, através da proposta de um/a professor/a que escuta (passiva/o) e de um/a que aluna/o fala (ativo), o que, além de romper com a tradicional estrutura pedagógica, também coloca o docente numa situação inusitada, para o qual ele eventualmente não tem referências concretas.

Neste ano de 2020, no qual a pandemia de COVID-19 afetou as atividades regulares da comunidade acadêmica, vem se tornando mais claro que, afinal, somos um único



coletivo e que estamos todos no mesmo barco. Discentes, docentes ou funcionários administrativos, todos nós, a comunidade global enfim, estamos passando pelo mesmo momento de crise, atravessamos o mesmo grande mar do sofrimento. Sem pretender retirar o protagonismo que a/os estudantes possuem neste projeto, gostaria de apresentar um curto depoimento pessoal do que ocorreu numa das sessões da Escuta Poética do ponto de vista do docente que escuta:

Em uma das sessões da escuta poética, logo após a concentração inicial, e depois da primeira rodada de falas curtas, deixei reverberar em mim, como tinha feito nos encontros anteriores, a natureza das falas dos alunos, na sua inteireza desarmada e inocente, repousar no acolhimento macio dos meus ouvidos. Num determinado momento da escuta, comecei a me inteirar de alguma coisa além de mim, ou de alguma coisa que já não era eu mesmo, ou pelo menos não exatamente aquele que se sentia aprisionado na solitária de seu próprio apartamento; eu estava navegando num oceano de consciência, sendo conduzido pelas vozes daqueles dois jovens, as vozes eram como o agitar das águas onde eu flutuava embalado pelo ritmo sonoro das falas. Não senti medo algum, ao contrário, me sentia seguro, sentado ali na minha cadeira macia, no conforto daquilo que eu vinha nomeando, nesses meses de confinamento,



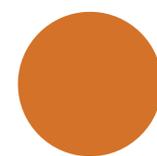
de minha cela, do alto da minha posição de professor universitário, e protegido por esse aparelho, por essa tela de computador. Não existia nem a minha autoimposição habitual de parecer inteligente, de ter que dizer alguma coisa que servisse como uma palavra de consolo, ou apoio para a confusão que emergia como ondas das falas dos alunos. Eu ia por ali, sendo um outro, livre, aventureiro, na expectativa, sem nada imaginar, sem nada antecipar, livre!, talvez seja isso, estava livre... A ação de escuta poética tinha me levado para esse lugar de liberdade plena, onde pulsava o inesperado.

Naquele dia terminamos o encontro sorteando, para cada participante, uma carta do baralho xamânico, e para mim tocou Pena Branca. Então era isso? Pensei. Era o Penna Branca que estava ali desde o início do encontro. O caboclo indígena estava atravessando o grande rio! Aquela carta não predizia o meu futuro, mas significava esse agora, uma reminiscência, ou uma quase. Eu me espantava pensando como é que nunca tinha visto esse caboclo, nessa correnteza, então comecei a duvidar, me questionava, seria isso uma reminiscência? Será que toda reminiscência **é exatamente esta** sensação de enxergar uma coisa que sempre esteve ali? E me deixei levar por uma sequência de reflexões e fui aos poucos esquecendo daquela sensação de espanto.



Agora, já tendo passado quase uma semana, tenho a impressão de que esta experiência **não** resultou em nada de prático na minha vida, continuei sendo o mesmo, e quase não lembro mais do Pena Branca e nem da sensação de liberdade que o fluir da fala dos alunos produziu em mim. O que mais posso dizer? Que ao longo daquele dia, após o encontro, aconteceram algumas sincronias. Mas tenho a sensação de que mesmo aquelas sincronias foram um tipo de eco daquilo que reverberou em mim durante a Escuta Poética, assim como se fossem flores colhidas que colocamos num jarro d'água e mesmo que ainda emitam algum perfume, na verdade já estão mortas. A Escuta Poética é, para mim, um acontecimento radicalmente do aqui e agora e talvez, se eu fosse usar uma metáfora religiosa, seria a da terra eternamente iluminada do Buda, um espaço que você adentra, ou melhor, que te adentra, e que te abre o silêncio da escuta, neste lugar que é puro acolhimento da voz, o impossível se torna possível, e posso estar, por um instante, um Caboclo Pena Branca atravessando o majestoso Rio Amazonas.

Neste curto relato me parece que encontramos o eco de um poema de René Daumal que assim diz: „Escuta bem no entanto. Não minhas palavras, mas o tumulto que se eleva em teu corpo quando te escutas“ (DAUMAL, 1954, p. 42). Estou aqui já adentrando na fenomenologia da escuta



de Gaston Bachelard, que na sua *Poética do Devaneio* (BACHELARD, 1988) afirma que a escuta do outro também é uma escuta de si. Mas não era sobre este assunto específico que gostaria de tratar, pretendo escrever sobre o espaço, sobre como a escuta ocupa o espaço, ou talvez como ela instaura um espaço. Sabemos que o som atua no tempo, mas também se apropria do espaço, na medida em que o momento da escuta é o da familiaridade, que para Barthes (1990) nada mais **é** do que a referência da casa, do território, é aquilo que demarca os espaços em que existimos, em que convivemos com as pessoas. A Escuta Poética poderia ser essa casa onde convivem pessoas, mas também onde existimos num espaço outro, o do território. Mas por que **é que** essa casa também é um território, um outro espaço? Talvez, e esta é apenas uma hipótese, porque a casa e a familiaridade que a Escuta propicia, não são da ordem do prosaico, mas do poético. Como nos diz Octavio Paz, o prosaico é da ordem da vida, do cotidiano, do significado talvez, enquanto que o poético é o que permite dar voltas, ir ao sonho, soar.

Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo. Cria outro. Convite à viagem, regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia, pelo desespero. Epifania,

presença. Exorcismo, conjuro, magia, sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não dirigido. Filha do acaso, fruto do cálculo. Obediência às regras, criação de outras. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Um poema é uma obra. (Paz, 1982, p. 15)

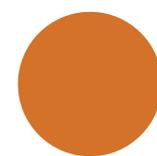
Nos encontros da Escuta Poética, a ordem do poético também está presente na atitude de quem escuta e não **é uma propriedade exclusiva do** falante, mesmo que o estudante se expresse lendo uma poesia, a atitude da escuta é já poética em si. Percebo agora, que mais uma vez me desvio do meu assunto principal, o espaço que a escuta instaura, o território, ou talvez isso que se expressa nas palavras de Octavio Paz: o “regresso” **à terra natal**. Mas também ainda não é isso, é alguma outra coisa que me escapa, ou que talvez prefira manter no silêncio de uma escuta poética.

Do I contradict myself?

Very well then I contradict myself,

(I am large, I contain multitudes.).

(Walt Whitman, 1855)

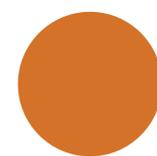


A experiência da escuta: poética.

O que as pessoas mais desejam é alguém que as escute de maneira calma e tranquila. Em silêncio. Sem dar conselhos. Sem que digam: “Se eu fosse você”. A gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A fala só é bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina. Não aprendi isso nos livros. Aprendi prestando atenção.

Rubem Alves, 1999

A ideia do projeto de Escuta Poética me encantou e me assustou ao mesmo tempo. Antes de descrever o que se passava, gostaria de dizer o que me passou, ao ser convidada pela professora Tania Alice. Ela é daquelas pessoas que alegam o nosso dia quando a gente cruza com ela: um sorriso largo e luminoso é sempre oferecido. No e-mail que me chegou sobre a proposta, havia outros nomes de professores, formando um grupo bastante inusitado, pessoas de departamentos diferentes, com alguns e algumas eu tinha mais intimidade e convivência, mas a maioria ali naqueles destinatários era de colegas pelos/as quais eu nutria uma admiração, um carinho, mas que nunca tinha tido a chance de me aproximar por falta de oportunidades na vida corrida dentro e fora da universidade. Ali estava o primeiro “abraço”.

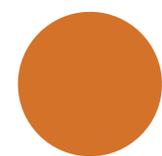


O cenário externo, mundial, era (é ainda, no momento desta escrita) horizontal: todos/as diante da mesma questão. Pandemia, isolamento social, suspensão das aulas na universidade. Os derivados de tudo isso também chegavam em todos os lares: medo, angústia, solidão, ansiedade, convivência exacerbada dos núcleos, entre outros.

Fiquei receosa em aceitar estar num lugar que seria de acolhimento, já que me sentia tão fragilizada, diante da situação. Dividi isso com os/as colegas que se dispuseram a um primeiro encontro em que conversamos sobre a ideia e nos propusemos a uma primeira “sessão” de escuta entre nós mesmos. Ali começava a experiência. A experiência que não cabe em palavras nem em entendimento. A experiência.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. [...] Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. [...] a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça. (BONDÍA, 2002, p.21-22)

Experiência de escutar os/as colegas sem reagir com a subjetividade exposta em nossas faces – a parte do corpo que chega a outres pelas janelas virtuais em que nos víamos então. Experiência de, por opção, não julgar e não



opinar. Pego emprestada a impressão de Atonin Artaud, quando esteve entre os índios Tarahumaras, no México, na década de 1950, e observou que, entre os nativos, havia uma grande diferença nas expressões do rosto que apareciam, sem que fossem espelho daquilo que ouviam, que recebiam.

Não é um rosto fixado o que Artaud vê no semblante indígena: ‘os sentimentos que irradiava passavam-lhe um após o outro pelo rosto, e os que se liam **não eram manifestamente os seus**, não se apropriava deles, já não se identificava com aquilo que é para nós emoção pessoal [...] (grifos do autor). Os sentimentos e estados mentais fluíam pelo rosto como sobre as águas de um rio, sem se sedimentarem. Já no rosto do homem branco, que se constrói como individualidade, haveria uma ‘incubação fulgurante imediata’, processo veloz e quase imperceptível, que faz nascer a cada instante o sentido de um “eu” que se assegura de si. (QUILICI, 2004, p.175. Grifos do autor).

Ao experimentar, portanto, que o rosto poderia ser fluxo de águas de um rio, sem sedimentos, ao me dispor a essa qualidade de escuta, tive também a certeza de um terreno seguro para que eu pudesse, também, falar. Dizer o que não foi organizado, não foi elaborado, não foi pensado para aquela ou qualquer outra situação. Uma fala que saiu, então, como enxurrada, desorganizada, atropelada, carregada de tantas novas sensações que aquele tempo, maio de 2020, me fazia experienciar. Uma fala que se fez

pela escuta que se abria. Uma escuta que abrigou o silêncio, para existir. Silêncio que Arnaldo Antunes concretizou em algumas imagens:

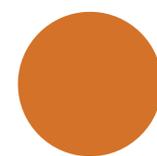
Uma cama onde deitar. Acho que a metáfora seria essa: um chão onde pisar, espaço vazio onde preencher, uma página branca para rabiscar, uma superfície aonde você vai atuar, uma piscina aonde você vai mergulhar. [...] Como se fosse uma matéria-prima para que você possa produzir sons (*in* PERDIGÃO, 2005, p.134)¹⁰.

Assim foi se fazendo o espaço da Escuta Poética: um acolhimento de cama onde se podia deitar e, assim, deixar chegar um tempo outro; um tempo de silêncio onde a linguagem surge trazendo os afetos ainda em turbilhão. E o turbilhão não assusta, ele também encontra a cama, o espaço, a calma. E se transforma. Porque compartilhado, porque dividido em segurança.

E a cada semana, a cada grupo de pessoas que experimentava o mosaico das janelinhas, uma nova vivência. Nem todos os professores estavam presentes, mas sentíamos a intensidade do acontecimento nas vozes que nos relatavam sensações pós-encontros.

Há três pérolas preciosas da sabedoria popular milenar: “os ouvidos não têm pálpebras”, “Deus deu ao homem dois

¹⁰ Arnaldo Antunes em entrevista publicada em PERDIGÃO, 2005, p.134.

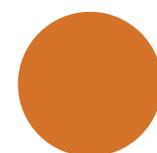


ouvidos e apenas uma boca, para que possa escutar, mais do que falar” e “a palavra é de prata, mas o silêncio é de ouro”. Está tudo dito aí.

Não há a possibilidade de se ter sucesso na opção consciente pelo não escutar. Escuta-se – sempre. E mais, quando se ouve uma música, por exemplo, ela entra em nós de tal modo que tempos depois, quando a gente vê, está cantarolando aquilo que ouviu sem perceber. Então, o que é, como se dá, uma escuta que se quer atenta, consciente e, mais do que isso, poética? Não sei, mas tenho algumas pistas. Primeiro que tudo, o som. Vem antes do conteúdo, antes de me pôr a entender o que o outro fala, ouço sua voz, o som da sua voz: altura, timbre, volume, ritmo, andamento e a emocionalidade subjetiva que enriquece, que se agrega, amalgama ao som e faz dele a voz daquela Pessoa.

Somos som, dizem índios e hindus. O som é a base de toda existência e expressa a relação entre aquilo que é humano, captado pelos sentidos, em um processo de permanente evolução e aprofundamento, e aquilo que é de outra ordem, estando, portanto, a ser revelado. Antigos e contemporâneos, nas artes e nas ciências, compartilham a ideia de que o som é capaz de criar e de transformar. (NAKKACH e LÍRIO, 2017)

Na nossa Escuta Poética, fomos tocados pelo som e



por aquilo que ele revelava, transformando aquele momento em alguma coisa sensível, poética, preciosa. Alquimistas, estávamos juntos transformando a vida em ouro.

Na atitude do ignorante, não sabíamos o que íamos ouvir dos estudantes que se inscreviam para estar conosco. O que eles queriam ou esperavam de nós? Conselhos? Apaziguamentos? Tudo o que tínhamos para oferecer eram nossos ouvidos, esses que não têm pálpebras. Vivemos o exercício de não precisar ter uma opinião ou uma palavra sábia para retribuir ao ato generoso da fala. O que oferecíamos era nossa presença e, certamente, o brilho do olhar e alguma expressão facial que vazava do próprio ato de escutar. Mas tínhamos os oráculos, que “tirávamos” ao final dos encontros. O que representavam? Eram deuses que estavam também ali, à escuta, e se mostravam presentes ao final para manifestarem suas presenças? Eram recados do além? De novo, não sei. A única pista que tenho é pensar que o que traziam fazia sentido e talvez fossem as palavras que nós, escutadores, nos comprometemos a não pronunciar.



__REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O amor que acende a Lua**. Campinas: Papirus, 1999.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARROS, Manuel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1990.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In Revista Brasileira de Educação [online], 2002, n.19, pp. 20-28. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf> acessado em 03/10/2020.

DAUMAL, René. **Poésie Noire, Poésie Blanche**. Editora Gallimard, 1954.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

MAFFESOLI, Michel. **Le réenchantement du monde**. Paris: La Table Ronde, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. **Das coisas que aprendi: Ensaios sobre o bem viver**. 2ªed – Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.



NAKACH, Sílvia. LÍRIO, Alba. Flyer de divulgação do evento **III Simpósio Internacional Artes do Movimento: o espaço sônico e a escuta profunda - abordagens tradicionais e contemporâneas do som em sua relação com a voz e o corpo**. Encontro com Silvia Nakkach e Alba Lírio, realizado por Vox Mundi Project e Laboratório e Grupo de Pesquisa Artes do Movimento, Unirio, 2017.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1982.

PERDIGÃO, Andréa Bomfim. **Sobre o Silêncio**. São José dos Campos, SP: Pulso, 2005.

QUINTANA, Mário. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: 2005, p. 257.

QUILICI, Cassiano Sydow. **Antonin Artaud: Teatro e Ritual**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

ROLNIK, SUELY. **Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./ fev. 1993.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2019.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

